

Após recorde, fusões perdem a força e recuam 12% no trimestre

Diminuição no volume de transações não preocupa especialistas, pois recorde do período anterior foi associado à recuperação da crise econômica global

Redação

redacao@brasileconomico.com.br

As operações de fusão e aquisição — que fecharam o ano passado batendo recordes no país — perderam parte de sua força. Entre janeiro e março foram anunciadas 166 transações. O volume é 12% inferior ao registrado no mesmo período de 2010.

Os dados são de um levantamento preparado pela PwC (ex Price) a pedido do **BRASIL ECONÔMICO**. A queda no número de negócios fechados no início de 2011, porém, não preocupa especialistas. A redução é vista como natural. Pode ser explicada, em grande parte, porque os números do primeiro trimestre do ano passado foram acima da média. As 189 operações anunciadas naquele período expressaram a recuperação e o grande volume de transações que haviam sido iniciadas antes da crise global, lembra Alexandre Pierantoni, sócio de finanças corporativas da PwC.

“Seria preocupante se houvesse a percepção de que investidores e empresas reduziram seu apetite pelo país. Não é o caso”, pondera. “Tanto é que a participação de estrangeiros vem crescendo de forma sustentada.” (ver matéria ao lado).

Ainda assim, o capital nacional tem prevalecido nos negócios. Segundo a PwC, esteve presente em 58% das operações de compra e venda de empresas no período. Foram 81 negócios. No primeiro trimestre do ano passado, o dinheiro de empresas e investidores locais esteve à frente de 104 fusões.

“

Seria preocupante se houvesse a percepção de que investidores e empresas reduziram seu apetite pelo país

Alexandre Pierantoni

Recuperação à vista

Um dos indícios de que o número de transações a serem finalizadas nos próximos meses é crescente foi registrado em março. No mês, foram anunciados 61 negócios, o melhor desempenho do trimestre.

Segundo escritórios de advocacia e profissionais que trabalham como intermediários das transações, o número de sondagens e negócios em andamento está em alta desde o final do

ano. Todas as semanas um punhado de transações é iniciado. Desistências foram raras no período. No entanto, bater o martelo e dar a assinatura que sacramenta a operação está cada vez mais difícil. Um dos fatores identificados como crucial pela maior demora na conclusão das fusões é a insegurança em relação aos rumos da cotação do real. Na perspectiva de novas intervenções do governo para frear a apreciação da moeda

ante o dólar, investidores estrangeiros preferem esperar.

Eles fazem uma conta simples: quanto menor a cotação do real em relação à divisa americana, menor o volume de recursos que precisam trazer ao país para adquirir empresas, explica Sergio Bronstein, sócio do Veirano Advogados.

“Esse é um questionamento recorrente dos estrangeiros que estão estudando operações. Na dúvida, o comprador prefere

esperar e acaba rediscutindo o contrato, o que retarda o fim das operações.”

Atualmente, o advogado diz ter pelo menos seis negócios em andamento sob o comando de sua equipe. “Depois da Páscoa, alguns devem ser concluídos. Abril e maio serão meses de trabalho intenso e muitos fechamentos.”

Cesta variada

No que tem se consolidado como



Alexandre Pierantoni, sócio de finanças corporativas da PwC: capital nacional ainda prevalece nos negócios

BALANÇO

166

é a quantidade de transações efetuadas entre fusões e aquisições no primeiro trimestre deste ano, valor 12% menor que no mesmo período de 2010.

RECORDE

189

é o volume de fusões e aquisições registrado no primeiro trimestre de 2010, caracterizado como recorde. Explica-se o número com a recuperação da crise.

NACIONAL

58%

é o capital brasileiro nas negociações, presente em 81 fusões ocorridas no primeiro trimestre do ano. Capital nacional ainda predomina nas transações.

Matéria

uma tendência do mercado local — ainda repleto de oportunidades de consolidação entre empresas médias —, as fusões não estão concentradas em um ou outro segmento econômico. No entanto, empresas do ramo de alimentos puxaram o ranking, com 11% dos negócios no período. Química e petroquímica, com destaque para plásticos, derivados, tintas e cosméticos, tiveram 8% das transações fechadas no ano.

Aconteceram também negócios relevantes no setor financeiro, caso da aquisição, pelo BTG, de 37% do Banco PanAmericano, até então comandado por Silvio Santos, por R\$ 450 milhões; no segmento de moda, com a aquisição da Daslu, pelo fundo Laep, por R\$ 65 milhões; e no de internet, com a aquisição, pelo fundo Benchmarck, de uma fatia do site de compras Peixe Urbano. O valor da operação não foi divulgado. ■